

## Pós-Modernismo (Poesia)

### Texto I



(Décio Pignatari)

### Texto II



(Haroldo de Campos)

### Texto III

Para mim, a poesia é uma construção, como uma casa. Isso eu aprendi com *Le Corbusier*. A poesia é uma composição. Quando digo composição, quero dizer uma coisa construída, planejada – de fora para dentro. Ninguém imagina que Picasso fez os quadros que fez porque estava inspirado. O problema dele era pegar a tela, estudar os espaços, os volumes. Eu só entendo o poético neste sentido. Vou fazer uma poesia de tal extensão, com tais e tais elementos,

---

coisas que eu vou colocando como se fossem tijolos. É por isso que eu posso gastar anos fazendo um poema: porque existe planejamento.

*(João Cabral de Melo Neto)*

Texto IV

**Morte e vida severina** (fragmento)

— Atenção peço, senhores.  
para esta breve leitura:  
somos ciganas do Egito,  
lemos a sorte futura.  
Vou dizer todas as coisas  
que desde já posso ver  
na vida desse menino  
acabado de nascer:  
aprenderá a engatinhar  
por aí, como aratus,  
aprenderá a caminhar  
na lama, como goiamus,  
e a correr o ensinarão  
os anfíbios caranguejos,  
pelo que será anfíbio  
como a gente daqui mesmo.  
Cedo aprenderá a caçar:  
primeiro, com as galinhas,  
que é catando pelo chão  
tudo o que cheira a comida;  
depois, aprenderá com  
outras espécies de bichos:  
com os porcos nos monturos,  
com os cachorros no lixo.  
Vejo-o, uns anos mais tarde,  
Na ilha do Maruim,  
Vestido negro de lama,  
Voltar de pescar siris;  
E vejo-o, ainda maior,  
Pelo imenso lamarão  
Fazendo dos dedos iscas  
Para pescar camarão.

— Atenção peço, senhores,  
também para minha leitura:  
também venho dos Egitos,  
vou completar a figura.  
Outras coisas que estou vendo  
é necessário que eu diga:

não ficará a pescar  
de jereré toda a vida.  
Minha amiga se esqueceu  
de dizer todas as linhas;  
não pensem que a vida dele  
há de ser sempre daninha.  
Enxergo daqui a planura  
que é a vida do homem de ofício,  
bem mais sadia que os mangues,  
tenha embora precipícios.  
Não o vejo dentro dos mangues,  
vejo-o dentro de uma fábrica:  
se está negro não é de lama,  
é graxa de sua máquina,  
coisa mais limpa que a lama  
do pescador de maré  
que vemos aqui, vestido  
de lama da cara ao pé.  
E mais: para que não pensem  
que em sua vida tudo é triste,  
vejo coisa que o trabalho  
talvez até lhe conquiste:  
que é mudar-se destes mangues  
daqui do Capibarbe  
para um mocambo melhor  
nas margens do Beberibe.

— Severino retirante,  
deixe agora que lhe diga:  
eu não sei bem a resposta  
da pergunta que fazia,  
se não vale mais saltar  
fora da ponte e da vida;  
nem conheço essa resposta,  
se quer mesmo que lhe diga;  
é difícil defender,  
só com palavras, a vida,  
ainda mais quando ela é  
esta que vê, severina;  
mas se responder não pude  
à pergunta que fazia,  
ela, a vida, respondeu  
com sua presença viva.  
E não há melhor resposta  
que o espetáculo da vida:  
vê-la desfiar seu fio,  
que também se chama vida,

ver a fábrica que ela mesma,  
teimosamente, se fabrica,  
vê-la brotar como há pouco  
em nova vida explodida;  
mesmo quando é assim pequena  
a explosão, como a ocorrida;  
mesmo quando é uma explosão  
como a de há pouco, franzina;  
mesmo quando é a explosão  
de uma vida severina.

*(João Cabral de Melo Neto)*

Texto V

## II. Paisagem do Capibaribe

Entre a paisagem  
o rio fluía  
como uma espada de líquido espesso.  
Como um cão  
humilde e espesso.

Entre a paisagem  
(fluía)  
de homens plantados na lama;  
de casas de lama  
plantadas em ilhas  
coaguladas na lama;  
paisagem de anfíbios  
de lama e lama.

Como o rio  
aqueles homens  
são como cães sem plumas  
(um cão sem plumas  
é mais  
que um cão saqueado;  
é mais  
que um cão assassinado.

Um cão sem plumas  
é quando uma árvore sem voz.  
É quando de um pássaro  
suas raízes no ar.  
É quando a alguma coisa  
roem tão fundo  
até o que não tem).  
O rio sabia

daqueles homens sem plumas.

Sabia  
de suas barbas expostas,  
de seu doloroso cabelo  
de camarão e estopa.

Ele sabia também  
dos grandes galpões da beira dos cais  
(onde tudo  
é uma imensa porta  
sem portas)  
escancarados  
aos horizontes que cheiram a gasolina.

E sabia  
da magra cidade de rolha,  
onde homens ossudos,  
onde pontes, sobrados ossudos  
(vão todos  
vestidos de brim)  
secam  
até sua mais funda caliça.

*(João Cabral de Melo Neto)*

Texto VI

### **Poema Brasileiro**

No Piauí de cada 100 crianças que nascem  
78 morrem antes de completar 8 anos de idade

No Piauí  
de cada 100 crianças que nascem  
78 morrem antes de completar 8 anos de idade

No Piauí  
de cada 100 crianças  
que nascem  
78 morrem  
antes  
de completar  
8 anos de idade

antes de completar 8 anos de idade  
antes de completar 8 anos de idade  
antes de completar 8 anos de idade  
antes de completar 8 anos de idade

*(Ferreira Gullar)*

## Texto VII

**A Bomba Suja**

Introduzo na poesia  
A palavra diarreia.  
Não pela palavra fria  
Mas pelo que ela semeia.

Quem fala em flor não diz tudo.  
Quem me fala em dor diz demais.  
O poeta se torna mudo  
sem as palavras reais.

No dicionário a palavra  
é mera ideia abstrata.  
Mais que palavra, diarreia  
é arma que fere e mata.

Que mata mais do que faca,  
mais que bala de fuzil,  
homem, mulher e criança  
no interior do Brasil.

Por exemplo, a diarreia,  
no Rio Grande do Norte,  
de cem crianças que nascem,  
setenta e seis leva á morte.  
É como uma bomba D  
que explode dentro do homem  
quando se dispara, lenta,  
a espoleta da fome.

É uma bomba-relógio  
(o relógio é o coração)  
que enquanto o homem trabalha  
vai preparando a explosão.

Bomba colocada nele  
muito antes dele nascer;  
que quando a vida desperta  
nele, começa a bater.

Bomba colocada nele  
Pelos séculos de fome  
e que explode em diarreia  
no corpo de quem não come.

Não é uma bomba limpa:  
é uma bomba suja e mansa  
que elimina sem barulho  
vários milhões de crianças.

Sobretudo no nordeste  
mas não apenas ali  
que a fome do Piauí  
se espalha de leste a oeste.

Cabe agora perguntar  
quem é que faz essa fome,  
quem foi que ligou a bomba  
ao coração desse homem.

Quem é que rouba a esse homem  
o cereal que ele planta,  
quem come o arroz que ele colhe  
se ele o colhe e não janta.

Quem faz café virar dólar  
e faz arroz virar fome  
é o mesmo que põe a bomba  
suja no corpo do homem.

Mas precisamos agora  
desarmar com nossas mãos  
a espoleta da fome  
que mata nossos irmãos.

Mas precisamos agora  
deter o sabotador  
que instala a bomba da fome  
dentro do trabalhador.

E sobretudo é preciso  
trabalhar com segurança  
pra dentro de cada homem  
trocar a arma de fome  
pela arma da esperança.

*(Ferreira Gullar)*

### 1. Açúcar

O branco açúcar que adoçará meu café  
Nesta manhã de Ipanema  
Não foi produzido por mim

Nem surgiu dentro do açucareiro por milagre.

[...]

Em lugares distantes,

Onde não há hospital,

Nem escola, homens que não sabem ler e morrem de fome

Aos 27 anos

Plantaram e colheram a cana

Que viraria açúcar.

Em usinas escuras, homens de vida amarga

E dura

Produziram este açúcar

Branco e puro

Com que adoço meu café esta manhã

Em Ipanema.

*GULLAR, F. Toda poesia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980 (fragmento).*

A Literatura Brasileira desempenha papel importante ao suscitar reflexão sobre desigualdades sociais. No fragmento, essa reflexão ocorre porque o eu lírico

- descreve as propriedades do açúcar.
- se revela mero consumidor de açúcar.
- destaca o modo de produção do açúcar.
- exalta o trabalho dos cortadores de cana.
- explicita a exploração dos trabalhadores.